ANDREA BROWN

O DENTRO E O FORA

LUIZ ERNESTO

Dedos que afloram das costas da mão, como um corpo que existisse no interior de outro e tentasse despi-lo como uma roupa que se desejasse trocar, ou uma penca de dedos pendurados em fios, já libertos de seus corpos de origem. Estes são alguns dos trabalhos em cerâmica, que Andréa Brown realizou entre 2001 e 2005, e que já parecia nos dar alguns indícios de questões recorrentes em sua obra posterior.

Em 2004, a artista passa a utilizar a forma geométrica básica de uma casa como ponto de partida de uma nova série. Construídas em madeira, suas esculturas espicham-se pelo espaço, criam ângulos com as paredes e chão e, insolitamente, terminam como dedos ou pés.

Se o rigor formal de Andréa, a impessoalidade do acabamento de seus trabalhos e o interesse pelo espaço na disposição dessas obras a aproximam de questões caras aos minimalistas, as representações do corpo e as referências à casa a levam numa direção oposta à deles. As superfícies lisas e bem-acabadas disfarçam, com distanciamento, a tensão evocada pelas referências orgânica e arquitetônica. Suas “casas”, sem portas ou janelas, reduzem-se à poliedros fechados e enigmáticos, sem entradas ou saídas. Blocos encerrados em seu próprio silêncio onde partes do corpo, no lado de fora deles, recusam o confinamento, insinuando-se em direção ao mundo.

Em trabalhos como Par, Abrigos, e Vertigem I, é a própria estabilidade da casa/bloco que a artista coloca em causa. Erguidas na parede, inclinadas ou com uma base curva sobre o chão, desafiam a imobilidade arquitetônica habitual ao convocar o movimento latente.

Em 2006, Andréa une duas “casas” com uma massa negra e amorfa que parece devorá-las. Esta obra introduz a série Xipófagas e culmina com o trabalho Igreja. Nesta, os poliedros são unidos nas mais diversas posições. Mas, um olhar atento revela que aqui a própria consistência dos blocos é desafiada. As faces ou arestas justapostas recortam-se mutuamente criando a sensação de que um bloco “brota” do outro, como uma bolha que se desprendesse de uma superfície líquida. Esta hipótese afirma-se em Livro arbítrio onde uma “casa” habita no interior de outra. Como em seus primeiros trabalhos, com mãos e dedos, algo se liberta, solta-se da estrutura original.

Em 2007, a artista inicia seus Relêvos Domésticos. Nestes trabalhos de parede, a forma das casas é ainda mais simplificada. Na série, cores intensas e brilhantes trazem para o universo da artista referências ao ambiente urbano e popular. O ponto de vista aéreo insinuado sobre a paisagem a torna plana ao eliminar o horizonte. A paisagem mostra-se sinteticamente através de seus elementos básicos: água, ar e terra. Mais uma vez, o vislumbre de um mundo sem limites opõe-se às fronteiras dos invólucros arquitetônicos.

Esta parece ser a questão que evolui ao longo dos trabalhos de Andréa Brown e que aponta para o dilema de qualquer artista: o embate entre o dentro e o fora, o desconforto com o confinamento e o desejo de liberdade.